



## **CERÂMICA: O BARRO E A ESCOLA UMA PROPOSTA DO PIBID ARTES VISUAIS UFPEL**

Uill Borges Maciel<sup>1</sup>  
Brenda dos Santos<sup>2</sup>  
Caroline Leal Bonilha<sup>3</sup>

### **INTRODUÇÃO**

Após a pandemia da COVID-19 ainda nos vemos limitados a poucos muitos recursos, o barro por muitas vezes visto como algo sujo é um desses elementos que acabou ficando distante das crianças e adolescentes durante o período pandêmico, retomar o manuseio de materiais como este tem sido importante ajudando na coordenação, exercitando a imaginação e incitando a percepção sobre o tridimensional, recuperando um contato presencial e coletivo com a natureza e entre os alunos dentro do ambiente escolar, que por algum tempo manteve-se distante e isolado de nós.

O trabalho aqui apresentado parte de experiências realizadas em duas escolas distintas da cidade de Pelotas-RS, desenvolvidas através do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), com o intuito de aproximar os alunos da natureza partindo do barro e aguçar sua percepção para tridimensionalidade. Para isso, foram desenvolvidas oficinas de cerâmica baseadas na experiência obtida no ateliê da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) no curso de Licenciatura em Artes Visuais, na cadeira de “Introdução à Cerâmica” ministrada pelo docente Paulo Viegas Damé.

As oficinas ocorreram em duas escolas: uma na Escola Municipal de Ensino Fundamental Cecília Meireles, localizada no bairro Areal, onde foram atendidos 18 alunos de uma turma de 3º ano que possuíam por volta de 8 anos de idade, a oficina teve duração de dois períodos de 45 minutos na tarde de uma única quarta-feira das 15:00 às 16:45 no mês de julho de 2023 e foi realizada no laboratório de ciências da escola, devido a estrutura que possuía mesas longas, pias, e mais espaço para circular. Os materiais usados foram 4kg de barro já sovados com chamote (areia ou resíduos cerâmicos peneirados que ao misturado no

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Artes Visuais Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas - UFPEL, [uillmaciel@hotmail.com](mailto:uillmaciel@hotmail.com);

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Artes Visuais Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas - UFPEL, [brendas25a@gmail.com](mailto:brendas25a@gmail.com);

<sup>3</sup> Doutora em Educação Ambiental, Universidade Federal de Pelotas - UFPEL, [caroline.bonilha@ufpel.edu.br](mailto:caroline.bonilha@ufpel.edu.br)



barro trazem mais resistência para as peças) e papel kraft para forrar as mesas. A outra oficina ocorreu no Colégio Estadual Dom João Braga para 6 turmas do 3º ano do ensino médio em períodos de 45 minutos para cada turma, nas manhãs de segunda-feira das 07:45 às 11:50, entre os meses de março e maio de 2023. As turmas possuíam de 18 a 24 alunos na faixa etária dos 16 aos 19 anos, totalizando por volta de 120 alunos com aproximadamente 300g de argila para cada com utilização de jornais e folhas de EVA nas mesas.

## **METODOLOGIA**

No Colégio Estadual Dom João Braga houve um estudo teórico antes do começo das oficinas em sala de aula. Nos primeiros três dias trabalhamos teoricamente o assunto com o auxílio de slides, enquanto em outros três encontros fomos para a parte prática e, no último, totalizando sete, entregamos as peças biscoitadas para os alunos.

No primeiro encontro conversamos sobre o surgimento da cerâmica e os tipos de argila, junto com a disponibilização de uma folha perguntando sobre o que seria cerâmica, se os povos originários a conheciam antes da colonização, suas técnicas e afins. No segundo, trabalhamos as respostas das pesquisas de cada um e avançamos mais na história da cerâmica, trazendo o surgimento dos tornos e seus tipos (lento ou de giro, rápido e elétrico). No terceiro, conversamos sobre os tipos de fornos (intermitentes e contínuos) e alguns tipos de queimas (biscoito, monoqueima, raku, queima de esmalte).

No quarto encontro começamos a produção de carimbos e pequenas estrelas. No quinto, uma quantidade de argila maior foi disponibilizada para os alunos produzirem uma peça maior, onde usariam técnicas vistas antes em aula. No sexto, utilizamos a técnica do Bruído nas peças, fazendo uso de escovas de dentes velhas e pedras arredondadas e lisas.

Após a queima de biscoito, as peças retornaram aos alunos em um sétimo encontro, onde discutimos os processos da oficina e os processos criativos de cada um, buscando observar o desenvolvimento das singularidades de ambos, tanto obra quanto ser.

Já na Escola Municipal de Ensino Fundamental Cecília Meireles a oficina foi mais prática e experimental para que os alunos conhecessem alguns dos processos da cerâmica de uma forma leve, exercitando a criação, a imaginação e os sentidos. Com a duração de apenas um dia, a oficina foi dividida em cinco partes sendo elas introdução, experimentação, atividade prática, experimentação e prática e por último finalização com observação e reflexão.

No primeiro período fizemos a introdução, com conversa e contação da lenda do muiraquitã (amuleto em forma de sapo feito com um barro que era retirado de um rio da

Amazônia por mulheres indígenas guerreiras), além da explicação de alguns processos da cerâmica sendo eles o preparo do barro, modelagem secagem e queima. Em seguida a experimentação, que foi feita através do manuseio da argila, distribuímos bolinhas de barro para os alunos sentirem a temperatura e a textura. E por último, mostramos e modelamos modelos de muiraquitãs feitos com argila e propusemos a atividade prática de criação de muiraquitãs.

No segundo período, que ocorreu após o intervalo, entregamos mais barro para os alunos e propusemos uma prática de criação livre, para que eles pudessem experimentar outras possibilidades com a argila incluindo a técnica do belisco. Finalizamos a oficina colocando as peças para secar, observamos os trabalhos dos colegas e conversamos sobre o que acharam da experiência. A pedidos dos alunos secamos as peças apenas na luz do sol, e para que eles tivessem contato com peças biscoito, modelamos 18 sapos para simbolizar os muiraquitãs estudados e os queimamos para apresentá-los.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

A educação em artes precisa de mais aulas em formatos que utilizam-se da abordagem triangular, onde temos o ler, fazer e contextualizar, levando em conta a bagagem do aluno para com a aula e fazendo-a cada vez mais interessante. “A Abordagem Triangular possibilita diferentes caminhos dentro dos âmbitos que a envolvem, do Fazer, Ler e Contextualizar. A imagem do triângulo permite ao professor escolher em qual das pontas iniciará seu trabalho. Por isso, é uma abordagem dialógica. Sua potência está na relação entre a tríade que permite reordenação da prática docente.” (GOULART e LAMPERT, 2016)

Outro ponto é que o formato da relação aluno-professor e aluno-escola está cada vez mais saturado com o avanço do ensino nas escolas, em vista disso, as aulas de arte no formato de ateliê possibilitam novos horizontes alcançáveis para os alunos que, como exemplificado por Silvio Gallo no livro “Deleuze e a Educação”, dentro de suas misérias, sejam essas monetárias, sociais, culturais, de valores ou éticas, podem acessar e vislumbrar as linguagens da arte que conversem com eles sem ser aquela eurocêntrica.

## **RESULTADO E DISCUSSÃO**

No início do processo houve a necessidade de trabalhar apenas teoricamente o conteúdo em detrimento do tempo de preparo e transporte para a argila ficar disponível. Os alunos engajaram-se na parte teórica e ainda mais na prática, acreditamos que a promessa de

uma aula em oficina, saindo dos moldes convencionais de ensino, fez com que eles criassem interesse e fez com que eles se permitissem acessar e experimentar através da prática as informações teóricas apreendidas, criando uma disposição maior. Em períodos de apenas 45 minutos para cada turma, foi um desafio trabalhar cerâmica de uma maneira satisfatória, mas como conseguimos diluir e ir introduzindo o tema com discussões sobre o mesmo, com o auxílio da folha disponibilizada com perguntas e indagações do que seria cerâmica e escultura, se nossos povos originários já conheciam e suas técnicas para uma pesquisa prévia dos alunos antes do conteúdo em si, a qual gerou apontamentos e descobertas dos mesmos sobre o assunto, as aulas fluíram com um interesse no assunto.

Na parte prática ficaram algumas pendências que poderiam ter sido encaminhadas de forma diferentes, porém, devido o tempo curto, ações como o sovar do barro, corte de carimbos e separação de quantidades argila foram realizadas pelos pibidianos, com demonstração para os discentes, em busca de manter quantidades que abrangessem todos e fossem iguais. Mas, devido à singulares que possuíam acesso monetário para comprar argila, alguns ficaram com mais quantidades, outros com menos.

Devido ao curto período da oficina para a turma do 3º ano do fundamental, buscamos trazer o foco para as experimentações básicas com o barro voltadas ao sensorial, por consequência da pandemia da COVID-19, para alguns dos alunos foi através da oficina o primeiro contato com a argila. Ficaram empolgados e curiosos ao verem o barro, ao manusear pela primeira vez cada aluno reagiu de uma forma distinta, feliz, preocupado, curioso, enjoado e entre essas reações estavam algumas frases como, “Que legal!” “Isso tá sujando minha mão...” “É grudento!”, “É gelado”, “Minha mão ta laranja”, “Isso tem um cheiro engraçado”. Conforme eles manuseavam o barro iam se desapegando da preocupação que sentiram no início em se sujar, foram aos poucos transformando a atividade em uma brincadeira.

Quando começaram a modelar os muiraquitãs foram, aos poucos, explorando o que a argila permitia, notaram que era possível acrescentar e remover as formas que estavam criando e que poderiam criar todos os lados de um objeto, nesse caso de um sapo, conforme iam percebendo essas possibilidades os muiraquitãs que tinham começado a fazer já estavam diferentes e personalizados, havia alguns com chapéu, coroa, orelhas, sapatos e alguns eram acompanhados por famílias de muiraquitãs. Foi um momento onde a imaginação estava predominando e espontaneamente começaram a pedir mais barro para criarem mais coisas.

Quando o sinal bateu para o intervalo, alguns dos alunos não queriam ir pois queriam continuar criando. Assim que os alunos retornaram do intervalo entregamos mais barro para a

criação livre, não demorou muito para começarem a criar personagens, pratos de comidas, canecas, cumbucas e até mesmo uma privada.

No final das oficinas surgiram as seguintes perguntas, “Onde tem argila pra vender?”, “Dá pra comprar barro?”, “Posso levar um pouco de argila pra casa?”, “Queria mostrar pra minha mãe, eu posso levar pra casa?”, “Vamos mexer mais no barro semana que vem?”, até os alunos que não gostaram da argila no primeiro contato, no final já estavam mais interessados em realizar mais experimentações. As oficinas, mesmo que curtas, foram capazes de criar um vínculo entre os alunos e suas peças, onde através do barro, de certa forma, trouxeram vida a personagens e criações das próprias imaginações, permitiu com que tivesse esse contato com as diferentes texturas, temperaturas, tridimensionalidades e possibilidades presentes no barro.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por mais que as oficinas tenham apresentado suas diferenças como local, faixa etárias, métodos e duração, em ambas escolas vimos o crescimento do interesse e do envolvimento dos alunos com a argila, engajando nas oficinas e discussões com perguntas e apontamentos.

**Palavras-chave:** PIBID, Cerâmica, Tridimensionalidade, Escola, Argila.

## AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) e da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Agradecemos à nossa coordenadora do núcleo PIBID Artes Visuais, Caroline Leal Bonilha, o docente Paulo Viegas Damé, aos nossos colegas que desenvolveram e executaram as oficinas junto a nós, Ivo Bramé, Deivi Motta da Silva, Lary Lemos e Joice Medeiros, as professoras Tais Tavares e Ana Lacau.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos utópicos**. Belo Horizonte: Editora C/ARTE, 1998.

GALLO, Silvio. **Deleuze e a Educação**. Autêntica, 2003.

GOULART DA SILVA, Tharciana; LAMPERT, Jociele. **Reflexões sobre a Abordagem Triangular no Ensino Básico de Artes Visuais no contexto brasileiro**. Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes. 2017

LENDA do Muiraquitã, Lendas e Mitos. **Só História**. 2009-2023. Disponível em: <<http://www.sohistoria.com.br/lendasemitos/muiraquita/>>. Acesso em: 30 Ago. 2023.